

Título original: *The Intelligence Trap*

Copyright © 2019 por David Robson

Copyright da tradução © 2021 por GMT Editores Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Maria Cecília Brandi

*preparo de originais:* Ângelo Lessa

*revisão:* Aline Canejo e Luis Américo Costa

*diagramação:* Valéria Teixeira

*capa:* Estúdio Insólito

*imagem de capa:* Nuthawut Somsuk/ iStock

*adaptação para e-book:* [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

R561p

Robson, David

Por que pessoas inteligentes cometem erros idiotas? [recurso eletrônico] / David Robson; [tradução de Maria Cecília Brandi]. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

recurso digital

Tradução de: Intelligence trap : why smart people make dumb mistakes

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5564-181-3 (recurso eletrônico)

1. Intelecto. 2. Falibilidade. 3. Livros eletrônicos. I. Brandi, Maria Cecilia. II.  
Título.

21-70724

CDD: 153.9

CDU: 159.928.22

---

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
GMT Editores Ltda.

Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo  
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244

E-mail: [atendimento@sextante.com.br](mailto:atendimento@sextante.com.br)

[www.sextante.com.br](http://www.sextante.com.br)

Para meus pais e para Robert

# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

**PARTE 1** As desvantagens da inteligência: como QI alto, educação e competência podem fomentar a estupidez

- 1 Ascensão e queda dos Termites: o que a inteligência é e o que ela não é
- 2 Argumentos confusos: os perigos da *dysrationalia*
- 3 A maldição do conhecimento: a beleza e a fragilidade da mente dos especialistas

**PARTE 2** Como escapar da armadilha da inteligência: ferramentas para raciocinar e tomar decisões

- 4 Álgebra moral: rumo à ciência da sabedoria baseada em evidências
- 5 Bússola emocional: o poder da autorreflexão
- 6 Kit detector de bobagens: como reconhecer mentiras e desinformações

**PARTE 3** A arte da aprendizagem bem-sucedida: como a sabedoria baseada em evidências pode melhorar a memória

- 7 Lebres e tartarugas: por que pessoas inteligentes fracassam no processo de aprendizagem
- 8 Os benefícios de “comer amargo”: a educação no Leste Asiático e os três princípios da aprendizagem profunda

**PARTE 4** A loucura e a sabedoria da multidão: como equipes e organizações podem evitar a armadilha da inteligência

- 9** Os ingredientes de um “dream team”: como formar a equipe dos sonhos
- 10** Quando a estupidez se espalha como fogo: por que desastres acontecem e como evitá-los

EPÍLOGO

APÊNDICE Glossário da estupidez e da sabedoria

AGRADECIMENTOS

NOTAS

## INTRODUÇÃO

**S**e você se aventurar pelos recantos mais sombrios da internet, talvez se depare com as ideias de um sujeito chamado Kary. Seu ponto de vista singular poderia mudar a ordem mundial.<sup>1</sup>

Só para dar um exemplo: Kary suspeita que foi abduzido por um alienígena perto do rio Navarro, na Califórnia, após ter encontrado um ser estranho que tomou a forma de um guaxinim radiante de “olhos negros e sagazes”. Ele não consegue se lembrar do que aconteceu depois que “o desgraçado” o “cumprimentou educadamente” – na verdade, não se lembra de nada do que aconteceu pelo resto da noite. Mas tem a forte suspeita de que havia extraterrestres envolvidos. “Existem muitos mistérios no vale”, escreve ele, enigmático.

Kary também se dedica à astrologia. “A maioria dos cientistas tem a falsa impressão de que esse assunto não é científico e não pode ser estudado seriamente”, esbraveja. “Estão redondamente enganados.” Ele acha que essa é a chave para melhores tratamentos de saúde mental e que todos que discordam “têm minhocas na cabeça”. Além de crer em ETs e signos do zodíaco, Kary acredita que as pessoas podem viajar através do éter, no plano astral.

A coisa fica ainda mais bizarra quando Kary começa a falar de política. “Algumas grandes verdades em que os eleitores acreditam não têm nenhuma base científica”, afirma. Entre elas, “a crença de que a aids é causada pelo vírus HIV” e “a crença de que a liberação de gás CFC na atmosfera criou um buraco na camada de ozônio”.

Nem é preciso dizer que essas ideias são praticamente consensuais entre os cientistas. Ainda assim, Kary relata aos seus leitores que elas são motivadas pelo dinheiro.

Espero não ter que esclarecer para você que Kary está errado.

Como se sabe, a internet está repleta de pessoas com opiniões infundadas, mas não esperamos que astrólogos e negacionistas da aids representem o suprassumo da intelectualidade.

No entanto, o nome completo de Kary é Kary Mullis e, longe de preencher o estereótipo de teórico da conspiração mal informado, ele é um cientista ganhador do Prêmio Nobel. Isso o situa ao lado de nomes como Marie Curie, Albert Einstein e Francis Crick.

Mullis ganhou o prêmio por ter inventado a reação em cadeia da polimerase – técnica que permite aos cientistas clonar DNA em grandes quantidades. Aparentemente, a ideia surgiu num lampejo de inspiração que ele teve numa estrada no condado de Mendocino, na Califórnia. Muitas das maiores conquistas das últimas décadas, incluindo o Projeto Genoma Humano, decorreram desse momento singular de puro brilhantismo. A descoberta é tão importante que alguns cientistas chegam a dividir a pesquisa biológica em duas eras: antes e depois de Mullis.

Não resta dúvida de que Mullis, doutor pela Universidade da Califórnia, em Berkeley, é extraordinariamente inteligente. Sua invenção é resultado de uma vida inteira dedicada a entender processos incrivelmente complexos dentro de nossas células.

Mas será que o mesmo gênio que permitiu a Mullis fazer essa descoberta impressionante poderia explicar sua crença em alienígenas e seu negacionismo em relação à aids? Será que seu grande intelecto também pode tê-lo tornado incrivelmente estúpido?



Este livro é sobre por que pessoas inteligentes cometem erros idiotas – e

por que em alguns casos elas são, inclusive, mais propensas a se enganar do que uma pessoa comum. É também sobre as estratégias que podemos adotar para evitar os mesmos erros: lições que vão ajudar qualquer um a pensar de forma mais sábia e racional neste mundo da pós-verdade.

Você não precisa ser um ganhador do Prêmio Nobel para se beneficiar deste livro. Embora aqui possamos descobrir histórias de personagens como Mullis e Paul Frampton (um físico brilhante que foi tapeado e tentou cruzar a fronteira da Argentina com dois quilos de cocaína) ou ainda como Arthur Conan Doyle (famoso escritor que se deixou enganar por duas adolescentes golpistas), veremos como as mesmas falhas do pensamento podem levar qualquer um com inteligência acima da média a se equivocar.

Assim como a maioria das pessoas, eu já acreditei que a inteligência fosse sinônimo de bom raciocínio. Desde o início do século XX, psicólogos mediram uma gama relativamente pequena de habilidades abstratas – memória factual, raciocínio analógico e vocabulário –, acreditando que elas refletem uma inteligência geral inata que seria a base de todos os tipos de aprendizado, criatividade, resolução de problemas e tomada de decisões. Dessa forma, a escolarização se desenvolve a partir da capacidade intelectual “bruta”, nos fornecendo conhecimentos especializados em artes, ciências humanas e ciências biológicas ou exatas, que serão cruciais para diversas profissões. De acordo com esse critério, quanto mais inteligente você é, mais perspicaz será sua capacidade de julgamento.

Mas quando comecei a trabalhar como jornalista científico, especializado em psicologia e neurociência, percebi que as pesquisas mais recentes revelavam que essas suposições tinham sérios problemas. A inteligência geral e a instrução acadêmica não só são incapazes de impedir vários de nossos erros cognitivos como podem nos tornar até *mais* vulneráveis a certos tipos de pensamento estúpido.

As pessoas instruídas e inteligentes são menos inclinadas a aprender com seus erros ou a aceitar conselhos, por exemplo. E, quando erram, são mais capazes de criar argumentos elaborados que justifiquem seu raciocínio,



tornando-se cada vez mais dogmáticas em seus pontos de vista. E o pior: elas parecem inclinadas a ter um maior “viés do ponto cego” – ou seja, são menos capazes de reconhecer os furos na própria lógica.

Intrigado com esses resultados, comecei a me aprofundar nessa área. Cientistas da administração, por exemplo, descobriram como culturas corporativas ruins, que enfatizam o aumento da produtividade, podem reproduzir tomadas de decisões irracionais que vemos em equipes esportivas, empresas e organizações governamentais. Como resultado, é possível haver equipes inteiras formadas por profissionais muito inteligentes que, no entanto, tomam decisões incrivelmente estúpidas.

As consequências são graves. No âmbito individual, esses erros podem afetar nossa saúde, nosso bem-estar e nosso sucesso profissional. Nos tribunais, podem conduzir a graves erros judiciais. Nos hospitais, podem ser o motivo de 15% de todos os diagnósticos estarem errados. Há mais gente morrendo por causa desses erros do que de doenças como câncer de mama. Nos negócios, podem levar à falência e à ruína.<sup>2</sup>

A maioria desses equívocos não pode ser explicada pela falta de experiência ou de conhecimento. Pelo contrário: eles parecem surgir de certos hábitos mentais falhos que nascem da inteligência, do estudo e da perícia profissional superiores. Erros semelhantes podem fazer aeronaves colidirem, o mercado de ações implodir e líderes mundiais ignorarem ameaças globais, como a mudança climática.

Embora esses fenômenos pareçam desconectados, descobri que alguns processos são comuns a todos eles: um padrão que vou chamar de armadilha da inteligência.<sup>3</sup>

Talvez a melhor analogia para isso seja com um carro. Um motor potente *pode* fazer você chegar mais rápido aos lugares, se souber usá-lo de forma correta, mas o simples fato de ter um motor com mais cavalos não garante que você chegará com segurança ao seu destino. Sem conhecimento e equipamento corretos (os freios, o volante, o velocímetro, uma bússola e um bom mapa), um motor potente pode simplesmente fazê-lo ficar rodando em

círculos ou entrar num congestionamento. E, quanto mais rápido o motor, mais perigoso você é.

Da mesma maneira, a inteligência pode ajudá-lo a aprender e relembrar fatos, bem como processar informações complexas com agilidade; mas ao mesmo tempo você precisa de freios e contrapesos para que essa capacidade intelectual seja bem empregada. Sem esses elementos, uma inteligência maior pode tornar seu pensamento *mais enviesado*.

Felizmente, além de descrever em linhas gerais o que é essa armadilha da inteligência, pesquisas psicológicas recentes começaram a identificar qualidades mentais que podem nos manter no caminho certo. Como exemplo, veja a pergunta a seguir, que só é trivial na aparência.

*Jack está olhando para Anne, mas Anne está olhando para George. Jack é casado, mas George não é. Uma pessoa casada está olhando para uma pessoa solteira? Sim, não ou é impossível determinar?*

A resposta correta é “sim”, mas a maioria das pessoas responde que “é impossível determinar”.

Não desanime se você não acertou de imediato. Muitos alunos das mais importantes universidades americanas também erraram. Quando publiquei esse teste na revista *New Scientist*, recebemos um número sem precedentes de cartas afirmando que a resposta estava errada. (Se você não compreendeu a lógica, sugiro que desenhe um diagrama ou veja a resposta na página 281).

O teste mede uma característica conhecida como reflexo cognitivo, que é a tendência a questionarmos nossas pressuposições e intuições. As pessoas com pontuação baixa nesse teste são mais suscetíveis a teorias da conspiração enganosas, desinformação e notícias falsas. (Vamos nos aprofundar nesse ponto no [Capítulo 6](#).)

Além do reflexo cognitivo, outras características importantes que podem nos proteger da armadilha da inteligência são a humildade intelectual, a mente aberta, a curiosidade, a consciência emocional refinada e o *mindset* de

crescimento. Juntas, elas mantêm nossa mente em ordem e evitam que ela dê uma guinada para um penhasco.

Essa pesquisa provocou até o nascimento de uma nova disciplina: o estudo da “sabedoria baseada em evidências”. Antes vista com ceticismo por outros cientistas, essa área floresceu nos últimos anos, com novos testes de raciocínio para prever a tomada de decisões na vida real melhor do que as medições tradicionais de inteligência geral. Aliás, hoje estamos testemunhando a fundação de instituições de fomento a essa pesquisa, como o Centro de Sabedoria Prática, na Universidade de Chicago, inaugurado em junho de 2016.

Embora nenhuma dessas qualidades seja mensurada em testes acadêmicos padrão, você não precisa sacrificar nenhum dos benefícios de ter uma inteligência geral alta para cultivar essas outras formas de pensamento e estratégias de raciocínio. O que elas fazem é simplesmente nos ajudar a usar a inteligência de maneira mais sábia. E, ao contrário da inteligência, essas qualidades podem ser treinadas. Isso significa que, qualquer que seja o seu QI, você pode aprender a pensar com mais sabedoria.



Essa ciência de ponta tem um forte pedigree filosófico. Existe uma discussão inicial sobre a armadilha da inteligência no julgamento de Sócrates, em 399 a.C.

Segundo o relato de Platão, os acusadores de Sócrates alegavam que ele estaria corrompendo a juventude ateniense com ideias “ímpias” e maléficas. Sócrates negou as acusações e reagiu explicando as origens de sua reputação de sábio e afirmando que as acusações eram motivadas por ciúme. Tudo começou, disse ele, quando o Oráculo de Delfos declarou que ninguém em Atenas era mais sábio que ele. “O que o deus pode estar dizendo? É um enigma: o que será que significa?”, perguntou-se Sócrates. “Não sei se sou um sábio em qualquer aspecto, seja ele grande ou pequeno.”

A solução de Sócrates foi vagar pela cidade procurando os mais respeitados políticos, poetas e artesãos para provar que o oráculo estava errado, mas se decepcionava a cada tentativa. “Como eram talentosos na prática das suas habilidades, cada um deles alegava que também era o mais sábio em outras coisas: os mais importantes nisso e naquilo. E pareceu-me que esse erro deles obscurecia a sabedoria que tinham [...]. Na verdade, aqueles com mais reputação me pareciam os mais deficientes, enquanto outros supostamente inferiores pareciam mais dotados de bom senso.”

A conclusão de Sócrates é paradoxal: ele é sábio precisamente porque reconheceu os limites de seu conhecimento. No entanto, o júri o considerou culpado e ele foi condenado à morte.<sup>4</sup>

Os paralelos com a pesquisa científica recente são impressionantes. Substitua os políticos, poetas e artesãos de Sócrates pelos engenheiros, banqueiros e médicos de hoje, e ficará claro que o julgamento do filósofo capta de forma quase perfeita os pontos cegos que os psicólogos estão descobrindo agora. (Assim como os acusadores de Sócrates, muitos especialistas modernos não gostam de ter suas falhas expostas.)

Por mais proféticas que sejam, no entanto, as descrições de Sócrates não fazem justiça às novas descobertas. Afinal, nenhum dos pesquisadores negaria que a inteligência e o estudo são essenciais para um bom raciocínio. O problema é que muitas vezes não usamos essa capacidade mental corretamente.

Por essa razão, René Descartes é quem mais se aproxima do entendimento moderno sobre a armadilha da inteligência. “Não basta ter uma mente boa; o mais importante é saber usá-la da maneira correta”, escreveu ele em *Discurso sobre o método*, em 1673. “As maiores mentes são suscetíveis aos maiores vícios assim como às maiores virtudes. Caso sigam o caminho certo, aqueles que avançam muito lentamente podem ir mais longe do que aqueles que estão com muita pressa e se perdem.”<sup>5</sup>

As mais recentes descobertas da ciência nos permitem ir muito além das contemplações filosóficas, com experimentos bem planejados que

demonstram as razões exatas por que a inteligência pode ser, ao mesmo tempo, uma bênção e uma maldição, e as maneiras específicas de evitar as armadilhas.



Antes de começarmos esta jornada, permita-me avisar: muitas excelentes pesquisas científicas sobre o tema da inteligência não têm lugar aqui. Angela Duckworth, da Universidade da Pensilvânia, por exemplo, concluiu um trabalho inovador sobre o conceito de “determinação”, que ela define como “perseverança e paixão por objetivos de longo prazo”. Ela tem mostrado continuamente que a determinação muitas vezes prediz mais conquistas do que o QI. Essa é uma teoria muito importante, mas não está claro que ela resolva os vieses que parecem ser exacerbados pela inteligência, tampouco se enquadra no conhecimento mais geral da sabedoria baseada em evidências que orientará grande parte da minha discussão.

Ao escrever este livro, eu me limitei a três questões específicas. Por que pessoas inteligentes agem de forma estúpida e cometem erros idiotas? Que habilidades e propensões que faltam a elas podem explicar esses equívocos? E como podemos cultivar essas qualidades para nos proteger dessas falhas? Avaliei essas perguntas em todos os níveis da sociedade, começando com o individual e terminando com as falhas que afetam grandes organizações.

A **Parte 1** do livro define o problema. Explora as falhas na nossa compreensão do que é a inteligência e as maneiras como até as mentes mais brilhantes dão tiros no pé – desde Arthur Conan Doyle, que acreditava em fadas, até o FBI, com sua investigação falha dos atentados em Madri em 2004 –, bem como os motivos por que o conhecimento e a competência ampliam esses erros.

A **Parte 2** apresenta soluções para esses problemas introduzindo a nova disciplina da “sabedoria baseada em evidências”, que delinea as formas de raciocínio e as habilidades cognitivas cruciais para um bom raciocínio, ao

mesmo tempo que ensina técnicas práticas para cultivá-las. Ao longo do caminho, descobriremos por que nossas intuições frequentemente falham e como podemos corrigir esses erros para ajustar nossos instintos. Também vamos explorar estratégias para evitar desinformações e notícias falsas, as tão conhecidas *fake news*. Assim podemos ter certeza de que nossas escolhas serão baseadas em evidências sólidas, e não em fantasias.

A [Parte 3](#) se volta para a ciência da aprendizagem e da memória. Apesar da grande capacidade intelectual, as pessoas inteligentes às vezes têm dificuldade para aprender bem, alcançando uma espécie de teto em suas habilidades que não reflete seu potencial. A sabedoria baseada em evidências pode ajudar a quebrar esse círculo vicioso, disponibilizando três regras para o aprendizado profundo. Além de nos ajudar a alcançar nossas metas pessoais, essa pesquisa de ponta explica por que os sistemas educacionais do Leste Asiático já são tão bem-sucedidos na aplicação desses princípios e enumera as lições que a educação ocidental pode assimilar deles para formar melhores aprendizes e pensadores mais sábios.

Por fim, a [Parte 4](#) expande nosso foco para além do indivíduo, explorando as razões que levam grupos talentosos a agir estupidamente – desde os fracassos da seleção de futebol da Inglaterra até as crises de grandes organizações, como a British Petroleum, a Nokia e a Nasa.

William James, o grande psicólogo do século XIX, disse que “muitas pessoas acham que estão pensando, quando, na verdade, estão apenas reorganizando seus preconceitos”. Este livro é para qualquer pessoa que, assim como eu, queira evitar esse erro. É um guia de usuário para a ciência e a arte da sabedoria.

# PARTE 1



As desvantagens da  
inteligência:  
como QI alto, educação e  
competência podem  
fomentar a estupidez

# 1

## Ascensão e queda dos Termites: o que a inteligência é e o que ela não é

**Q**uando as crianças se sentaram ansiosas para fazer os testes do estudo de Lewis Terman, não podiam imaginar que aqueles resultados mudariam suas vidas para sempre (ou a história do mundo).<sup>1</sup> No entanto, cada uma, à sua maneira, passaria a ser definida por suas respostas, para o bem e para o mal, e suas trajetórias particulares mudariam definitivamente a maneira como entendemos a mente humana.

Uma das mais brilhantes foi Sara Ann, uma menina de 6 anos com um espaço entre os dentes da frente e óculos fundo de garrafa. Quando terminou de escrever as respostas, deixou casualmente uma balinha entre as folhas de papel – talvez um pequeno suborno para o examinador. Ela riu quando o cientista perguntou se foram as “fadas” que deixaram a balinha cair ali. “Ganhei duas de uma amiga”, explicou ela com doçura. “Mas acho que duas poderiam me dar dor de barriga, porque acabei de melhorar de uma gripe.” Sara Ann tinha um QI de 192 – estava no topo do espectro.<sup>2</sup>

Junto com ela na estratosfera intelectual estava Beatrice, uma menininha precoce que começou a andar e falar aos 7 meses. Aos 10 anos já tinha lido



1.400 livros. Também tinha escrito poemas aparentemente tão maduros que um jornal local de São Francisco afirmou que seus versos “havia enganado uma turma da Faculdade de Letras de Stanford”, pois foram confundidos com poemas de Tennyson. Assim como Sara Ann, seu QI era 192.<sup>3</sup>

E havia também Shelley Smith, de 8 anos, “uma criança encantadora, amada por todos”, dona de um brilho no rosto que expressava um divertimento contido.<sup>4</sup> E ainda Jess Oppenheimer, “um menino vaidoso e egocêntrico” com dificuldade para se comunicar e “sem nenhum senso de humor”.<sup>5</sup> O QI desses dois girava em torno de 140 – pouco acima do mínimo para entrar para o grupo de Terman, mas ainda assim muito acima da média. Certamente o destino lhes reservaria coisas incríveis.

Até aquele momento, o teste de QI, uma invenção ainda relativamente nova, havia sido usado sobretudo para identificar pessoas com dificuldades de aprendizagem. Mas Terman acreditava firmemente que esses poucos traços abstratos e acadêmicos – como a memória para fatos, o vocabulário e as habilidades de raciocínio espacial – representavam uma “inteligência geral” inata, subjacente a toda a capacidade de pensamento. Independentemente de sua origem ou formação, essa característica inata representava uma capacidade mental bruta que determinaria a facilidade para aprender, compreender conceitos complexos e resolver problemas.

“O QI é o que há de mais importante num indivíduo”, declarou ele na época.<sup>6</sup> “É entre os 25% das pessoas com QIs mais altos da nossa população, sobretudo entre os 5% mais altos, que devemos buscar líderes que promovam a ciência, a arte, o governo, a educação e o bem-estar social de maneira geral.”

Seguindo o curso de suas vidas nas décadas seguintes, Terman esperava que Sara Ann, Beatrice, Jess, Shelley e os outros provassem que seu ponto de vista estava correto. O cientista previu o sucesso deles na escola e na universidade, na carreira e na questão financeira, na saúde e no bem-estar, e acreditava até que o QI predizia o caráter moral daquelas crianças.

Os resultados dos estudos de Terman levariam ao estabelecimento do uso

de testes padronizados no mundo inteiro. Embora muitas escolas hoje não usem explicitamente o exame de Terman para testar os alunos, grande parte de nossa educação ainda gira em torno do cultivo dessa estreita faixa de habilidades representada em seu teste original.

Para explicar por que as pessoas inteligentes muitas vezes agem de forma estúpida, primeiro precisamos entender como chegamos a essa definição de inteligência, as habilidades englobadas em tal definição e alguns aspectos cruciais do pensamento que escapam a ela. Entre esses aspectos estão habilidades essenciais tanto para a criatividade quanto para a resolução pragmática de problemas que foram completamente negligenciadas em nosso sistema educacional. Só então poderemos começar a contemplar as origens da armadilha da inteligência e descobrir como desarmá-la.

Veremos que muitos desses pontos cegos já eram evidentes aos pesquisadores contemporâneos a Terman na época em que ele começou a aplicar os testes. Esses pontos cegos se tornariam ainda mais evidentes nos triunfos e fracassos de Beatrice, Shelley, Jess, Sara Ann e muitas outras crianças que participaram do experimento original, tendo em vista que a vida deles tomou caminhos, por vezes, dramaticamente inesperados. Mas, graças à resistência do QI, estamos apenas começando a entender o que isso significa e como atua nas nossas tomadas de decisão.

De fato, a história de vida do próprio Terman revela como um grande intelecto falhou catastroficamente graças à arrogância e ao preconceito.



Assim como acontece com tantas grandes (e equivocadas) ideias, a semente desse entendimento do que é inteligência surgiu na infância do cientista.

Terman cresceu na zona rural de Indiana no início da década de 1880. Frequentando uma “pequena escola vermelha” – que não passava de uma única salinha de aula sem livros –, o garoto ruivo e quieto sentava-se e